



SABERES ELEMENTARES MATEMÁTICOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL, PELOTAS/RS ENTRE 1947 E 1971

Vinícius Kercher¹

História da Matemática, História da Educação Matemática e Cultura

Resumo: O presente texto tem por objetivo apresentar alguns aspectos teóricos e metodológicos que estão sendo implementados em uma pesquisa de Mestrado que tem como norte analisar o ensino de matemática no curso normal desenvolvido no Instituto Assis Brasil, na cidade de Pelotas/RS, entre os anos de 1947 e 1971. Preocupamo-nos, sobretudo, em investigar o contexto em que se deu a oferta da formação matemática às futuras professoras primárias, mas sem deixar de observar as pretensões dos governantes envolvidos com a Educação à época. Para isso, iremos nos valer de uma análise documental e dos aportes da História Oral, como proposta teórico-metodológica subsidiada através de entrevistas com ex-professoras e ex-normalistas da instituição mencionada, para cotejo e identificação das possíveis expectativas sobre os saberes elementares matemáticos aplicados neste específico espaço escolar e em determinada temporalidade.

Palavras Chaves: História Oral. Escola Normal. História da Educação Matemática. Pelotas-RS

INTRODUÇÃO

O estudo sobre a formação matemática dos professores primários possibilita ampliar as representações referentes aos processos de transformação dos objetos matemáticos elementares que foram propostos/pensados para o seu ensino, da mesma forma que podem nos auxiliar a compreender as práticas pedagógicas que foram aplicadas no seu processo de formação. Tais transformações mencionadas referem-se, sobretudo, ao fato das formações de professores terem sido alvo constante de reformas políticas e pedagógicas no cenário brasileiro.² Para a formação de professores do ensino primário, certamente, foram operadas significativas mudanças. Vale destacar as alternâncias de currículo, as substituições de métodos, bem como a própria maneira de se pensar o ensino de matemática.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: kercherurcamp@yahoo.com.br

² Inicialmente destacamos como exemplo de reforma ocorrida em âmbito nacional a Lei Francisco Campos. Datada do ano de 1931, esta reforma foi marcada pela articulação dos ideários políticos do governo de Getúlio Vargas com os do ministro da educação e saúde Francisco Campos. Entre os principais atos da lei de 1931 estava a criação do Conselho Nacional de Educação, a organização do ensino secundário e comercial e o estabelecimento de um sistema nacional de inspeção do ensino secundário, que deveria ser realizado através de uma rede de inspetores regionais.

Consideramos ainda no processo de formação do professor primário a necessidade da mobilização de diferentes saberes, que vão desde os conhecimentos fundamentais de cada disciplina até os saberes pedagógicos inerentes às práticas pedagógicas de sala de aula. Notadamente a Escola Normal deveria dar conta do desenvolvimento destas habilidades, se adequando aos novos princípios e ideais educacionais promovidos pela legislação. Não obstante que tais habilidades ainda estavam associadas à uma série de conhecimentos do curso secundarista. Assim, “a organização das disciplinas e programas de Matemática da escola Normal caminhava numa via de mão dupla: havia as disciplinas para a instrução geral” e, por outro lado “havia as disciplinas de Metodologia e Prática de Ensino, que ensinavam, entre outras matérias, a Aritmética e a Geometria para as escolas primárias” (FRANÇA, 2016, p. 164-165).

A partir destas preocupações, de características gerais, que inserimos nossa pesquisa no campo da História da Educação Matemática. A implementação desta pesquisa se dá através de duas referências. A primeira que está vinculada a um projeto de Mestrado,³ desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). E, a segunda que se insere em um projeto, intitulado *Estudar para Ensinar: Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*, aprovado no ano de 2016 pelo Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) promovido em parceria entre dois institutos de Matemática, sejam os da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

Tendo em vista que um dos objetivos do projeto aprovado pelo CNPq é “investigar em perspectiva histórica a formação de professores primários para o ensino dos saberes matemáticos implementada nas escolas normais ou complementares do Rio Grande do Sul”, nos propomos a realizar a pesquisa em *lócus* em uma importante instituição de formação de professores do ensino primário na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (BÚRIGO *et al*, 2016, p. 21). Notadamente, estamos investigando a formação de professores primários no Instituto de Educação Assis Brasil (IEAB) para buscar perceber como se deram as discussões relativas ao ensino de matemática, tendo em vista que na temporalidade da pesquisa o ensino se

³ Um dos autores do presente texto realiza o Mestrado acadêmico na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, sob a orientação do Professor Dr. Diogo Franco Rios.

fazia permeado pelo movimento da Escola Nova. Deste modo, nossa intenção está na possibilidade de compreensão das práticas escolares de matemática que caracterizavam o processo de formação desta escola normal no período de 1947 a 1971. Delimitamos o início da pesquisa para o ano de 1947, por ter sido instituído neste ano os Institutos de Educação⁴ através da Lei Orgânica do Curso Normal nº 8.350/1946 que normatizou o ensino normal nacionalmente instituindo três tipos de instituto de educação e finalizamos em 1971, porque este foi o último ano em que vigorou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, na qual a educação básica era organizada em primário e médio.

Também, nos propomos a investigar – através de entrevistas com ex-professoras e ex-normalistas que atuaram no Instituto Assis Brasil nesta temporalidade – as rotinas escolares, as principais práticas pedagógicas relacionadas ao ensino e às aprendizagens da matemática, os sistemas de avaliações utilizados, a relação dos livros didáticos que subsidiavam suas práticas e quais as possíveis relações com o movimento da matemática moderna, que naquele momento era amplamente influenciado pelo escolanovismo.

Por se tratar de uma pesquisa ainda muito incipiente, gostaríamos de apresentar neste momento alguns aspectos teóricos e metodológicos que estamos nos valendo. Para uma melhor condução do presente texto dividimo-lo da seguinte maneira: primeiro, apresentamos um breve contexto acerca das instituições formadoras de professores primários no estado do Rio Grande do Sul; segundo, historicizamos o *lócus* de pesquisa, seja um panorama histórico do Instituto de Educação Assis Brasil; terceiro, realizamos algumas discussões, de ordem metodológica, sobre a pertinência de nos valermos da História Oral para a produção e análise de fontes; quarto, e por último, refletimos sobre as Escolas Normais e a matemática na formação de professores primários, destacando estas duas relações com os saberes matemáticos elementares, através de uma perspectiva teórica da História da Educação Matemática.

⁴ Estabelecimento que além dos cursos próprios da escola normal, ministrava ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares em grau primário.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS NO RIO GRANDE DO SUL

As atividades das Escolas Normais no contexto social e cultural brasileiro tiveram maior visibilidade e destaque somente na terceira década do século XIX. Como primeiras escolas normais temos, como por exemplo, a de Niterói no Rio de Janeiro no ano de 1835, na Bahia em 1836, no Ceará em 1845 e em 1846 em São Paulo. De acordo com inúmeras pesquisas no campo da História da Educação, o cenário escolar no Brasil, até então, era composto por professores improvisados, com inadequadas formações, cujas remunerações encontravam-se atrasadas e defasadas economicamente. Como não havia projetos consistentes que visassem a ampliação da escolaridade elementar da população, também não havia propostas de qualificação do professorado (MARTINS, 2009, p. 04).

Foi somente no final do século XIX e início do XX que a sociedade brasileira pôde observar uma mobilidade no processo de formação de professores. Tal mobilidade se deu através de duas condicionantes, sejam aquelas relacionadas com o processo de profissionalização propriamente dito e uma nova conformação moral e social daqueles que pretendiam ensinar. Essas preocupações permearam a trajetória histórica de constituição da Escola Normal, notadamente para os principais centros urbanos e econômicos brasileiros. Intentava-se selecionar profissionais que correspondessem às novas expectativas sociais, partilhadas por discursos de urbanidade e de civilidades. De acordo com os discursos mobilizados nestas reformas, era necessário formar um novo tipo de educador, num 'locus' específico, a Escola Normal deveria possuir instalações apropriadas à sua missão, de acordo com os princípios morais e científicos que pudessem 'conformar' o homem moderno e civilizado (MARTINS, 2009, p. 10).

A respeito do tema Formação de Professores Primário as autoridades educacionais gaúchas, já na década de 40 do século XX, identificavam na instalação de uma escola normal a possibilidade de melhorar a condição do ensino primário no Rio Grande do Sul.

[...] o estabelecimento de uma Escola Normal seria o meio mais profícuo para realizar um tal empenho: porquanto sendo obrigados todos os professores a frequentá-la por determinado espaço de tempo se habilitariam para imprimir, cada um por sua vez e na escola a seu cargo, um caráter idêntico no método de ensino, o qual deveria ser aquele que, como preferível a experiência aconselhasse. Então mais fácil seria o apreçamento do mérito dos Professores que melhor

cumprissem o seu dever, mais eficaz e pronta seria a fiscalização e inspeção sobre aulas semelhantes dirigidas, ainda mesmo nos lugares mais longínquos da Província (FLORES, 1847, p. 4 *apud* TAMBARA, 2009, p. 15).

Podemos perceber, segundo o historiador em educação Elomar Tambara (2009), a importância que a formação teve para o ideal de progresso ainda nos finais do século XIX, quando surgiu no Estado Rio Grande do Sul a Escola Normal. Porém, como alertou o autor, nosso estado teve inserção tardia na formação de professores, foram três décadas entre a percepção do problema e a consolidação de fato da escola normal.

O Ensino do Curso Normal era oferecido apenas na Capital do Estado. Caso as famílias quisessem buscar a formação para professor primário, era necessário investir tanto no deslocamento para a capital como no sustento de morar no maior centro urbano do estado, o que inviabilizava o interesse de grande parte das jovens do interior. Devido a estas dificuldades, a comunidade pelotense se uniu e foi em busca da criação da Escola Normal no município de Pelotas, de modo que tal iniciativa só foi consolidada graças a vontade política do então Governador Getúlio Vargas (TAMBARA, 2009).

A PRIMEIRA ESCOLA NORMAL NO MUNICÍPIO DE PELOTAS

Pioneira na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, o Instituto de Educação Assis Brasil foi escolhido para ser o *locus* desta pesquisa por dois claros motivos. Primeiro, por se tratar de uma escola pública de grande prestígio educacional que a oito décadas vem formando professores para atuar na educação infantil e na educação básica (LANGE, 2007). Segundo, pelo potencial arquivístico que a escola mantém resguardo, ainda que em condições precárias como verificaremos mais adiante, na própria instituição.

A escola foi instalada na cidade de Pelotas em 30 de junho de 1929, a partir do decreto nº 4213 de 05 de março de 1925, que a instituía como escola complementar. Seu Patrono, Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, era formado em Direito pela faculdade de São Paulo, sendo reconhecido pela comunidade como homem de elevada cultura (LANGE, 2007). Localizado inicialmente na rua XV de Novembro, o colégio ocupou mais dois endereços distintos até o ano de 1942, momento em que se instalou na Rua Antônio dos Anjos, 296, onde permanece até hoje.

Imagem 1 - Fachada do primeiro prédio da instituição



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil

A inauguração oficial deu-se em 7 de abril de 1942, e em 23 de novembro de 1944 o Curso Ginásial conseguiu sua equiparação pelo Ministério da Educação. Em 1947, após o processo seletivo das normalistas iniciava-se o Curso Normal. O novo curso recebeu a denominação “Curso de Formação de Professores Primários”. A primeira turma de normalista formou-se em 23 de dezembro de 1949, a nascente, assim como era chamada a equipe diretiva e corpo docente junto ao discente, ficou assim constituída: Diretor: Prof. Emílio Martins Böeckel, Corpo docente: Eva Rosa dos Santos, Hilda Bohrer Weber, Noêmia Dias Aguiar, Zulmira Lemos e Roberto Müller e contava com matrículas de 90 alunos.

No início do curso complementar foram ofertadas 30 vagas, um dado que nos chama atenção é que apenas 6 alunas obtiveram sua aprovação no exame admissional na época. O currículo da instituição era composto pelas disciplinas de Civismo, Música, Habilidades, Educação Física, Português, Matemática, Física, Didática, Pedagogia e Economia Doméstica. Cabe destacar que a disciplina Economia Doméstica foi implementada a partir do constante pensamento à época de que caso uma normalista não fosse professora seria uma boa dona de casa. (LANGE, 2007).

O Instituto de Educação Assis Brasil, é conhecido em Pelotas como escola do “coração” e transformou-se em escola “modelo”, sua criação foi justamente no momento que a cidade de Pelotas enfrentava grande crise financeira devido à queda do charque, crise que levou até mesmo o fechamento do Banco Pelotense. A Escola Assis Brasil, tem um grande significado na vida das pessoas da cidade, ela foi e ainda é de grande importância no contexto educacional do estado do Rio Grande do Sul sendo destacada como a melhor escola pública do município. (LANGE, 2007).

TRAJETÓRIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Tratando do aspecto teórico e metodológico da pesquisa pretende-se subsidia-lo através da História Oral. Tal pretensão se dá, sobretudo, porque a História Oral, enquanto procedimento metodológico, nos permite buscar informações que irão muito além do que nos “falam” os documentos. Ela possibilita retomar informações que na época não eram consideradas tão “valiosas”, como por exemplo, acontecimentos que não foram escritos sobre as experiências educacionais compartilhadas pelo grupo de alunos e professores. A História Oral nos abre essa possibilidade de ‘reconstituir’ narrativas sobre os acontecimentos que não foram registrados, utilizando primordialmente as lembranças, as experiências e as memórias vividas. Sem dúvida, é um ramo de pesquisa que tem muito a contribuir nas diversas áreas (THOMPSON, 2002).

Uma pesquisa envolvendo os diferentes pontos de vistas dos sujeitos que participaram da formação de professores, sejam ex-professoras ou ex-alunas da instituição analisada, pode nos possibilitar a confrontação das narrativas com os discursos mobilizados pelas legislações reformistas aplicadas à época. No caso do IEAB, a dificuldade de acesso aos documentos institucionais é ainda mais grave, devido a um incêndio que ocorreu na década de setenta. Tal incidente foi relatado por uma ex-aluna que acenou para o fato de grande parte dos documentos da instituição terem sido perdidos ou ficarem muito danificados. Outro aspecto que tem dificultado a prática da pesquisa é a desorganização do arquivo. Os acervos encontram-se misturados uns aos outros, bem como estão alocados em espaços e condições inadequadas, como se pode perceber na seguinte imagem.

Imagem 2 – Organização do arquivo escolar do IEEAB



Fonte: Acervo do autor.

Acreditamos que as lembranças dessas ex-professoras e de ex-normalistas, mobilizadas através de entrevistas, possam ajudar a reconstruir essa história para que essas práticas pedagógicas não se apaguem com o tempo. A metodologia da História Oral poderá dar grande contribuição para o acionamento e rememoração das práticas e acontecimentos da instituição. Até o momento o método tem se mostrado bastante promissor. Ouvir estes sujeitos enquanto testemunhas do passado, criando fontes ainda não exploradas, tem sido prática potente da pesquisa. Contudo, vale destacar as palavras de Thompson de que

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar enfoque da própria história e revelar novos campos a investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. THOMPSON (2002, p.22).

Deste modo, a História Oral, pode nos proporcionar novas fontes, pois é sabido que muitas vezes o uso restrito de questionários não resolve as necessidades do pesquisador. Acreditamos que as práticas metodológicas que envolvem a História Oral deixarão algumas etapas da pesquisa melhor qualificada. Portanto, vimos a História Oral como uma metodologia criativa que se ajusta plenamente ao projeto de estudo, pois ela assume um caráter individual, possibilitando ao pesquisador formas de realizar a pesquisa de maneira satisfatória e bem-sucedida (GARNICA 2005).

Sabemos que para isto, se faz necessário fazer um trabalho bem organizado, os participantes da pesquisa são professoras aposentadas do Curso Normal que atuaram no Instituto de Educação Assis Brasil entre os anos de 1947 e 1971. A produção de fontes também constará da participação de entrevistas realizadas com ex-normalistas que realizaram seu processo de formação no período balizado. Ressaltamos que no momento estamos organizando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, demonstrando quais são as reais intenções do trabalho, bem como os procedimentos da metodologia de pesquisa, combinando com os colaboradores de encaminhar as gravações, as transcrições e as textualizações para apreciação e possíveis correções antes da divulgação.

Para esta pesquisa, estamos selecionando ex-professoras e ex-normalistas do Curso Normal que se fizeram presentes na instituição no período de 1947-1971. Já nos certificamos da existência de sujeitos que se enquadram neste perfil. Preferencialmente gostaríamos de contar com a participação de professoras que lecionaram na disciplina curricular de Matemática ou Didática da Matemática.

Também fazem parte da pesquisa documental a análise de cadernos de classe, cadernos de apontamentos, exames, livros didáticos, planos, programas, fotografias e gravuras disponíveis na instituição.

Tratando propriamente da entrevista, consideramos adequado o que afirma Thompson:

Há muitos estilos diferentes de entrevista que vão desde a que se faz sobre a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e amigável de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade de método, que para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade (THOMPSON, 2002, p.254).

Para uma entrevista ser bem-sucedida é necessária agilidade por parte do entrevistador, é de fundamental importância que o entrevistador demonstre interesse e respeito pelo entrevistado. Pretendemos então realizar um conjunto de entrevistas com perguntas flexíveis e abertas onde, o participante possa contar suas memórias sobre seu processo de formação docente, porém com um planejamento antecipado das perguntas a fazer, para que as entrevistas venham a contribuir com o problema de pesquisa.

Possuímos como expectativas, após a análise das fontes com os participantes da pesquisa, investigar como eram os saberes matemáticos em tempos passados, como era ensinado a parte pedagógica no curso de formação de professores na cidade de Pelotas, o que os professores achavam da metodologia utilizada para ensinar matemática no curso de formação de professores, bem como o que as alunas aprendiam e como aprendiam. Por fim, para a realização da análise das entrevistas, vamos considerar os contextos histórico, social e cultural que permearam a formação de professores de matemática no Brasil.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E OS SABERES ELEMENTARES MATEMÁTICOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Por se tratar de uma incipiente pesquisa, no âmbito da História da Educação Matemática, as reflexões aqui apresentadas fazem parte do processo de apropriação teórica que o mestrando vem realizando através da leitura de artigos de revistas e coletâneas de textos, da participação de eventos da área e das discussões mobilizadas no Programa de Pós-Graduação de origem.

O Estudo da História da Educação Matemática, certamente nos faz pensar como se aprendia e o que se ensinava de saberes matemáticos no passado. Não obstante, é possível inferir que muitos métodos de ensino se perderam com o passar do tempo. Na mesma medida, acreditamos que metodologias eficazes que permearam várias gerações, atualmente não são mais utilizadas nos processos de ensino e aprendizagens da matemática escolar, e as memórias a respeito desses processos e métodos podem estar sendo perdidas. Sendo assim, nos interessa em grande proveito que, as informações sobre esses processos, através da constituição de narrativas memorialísticas, possam qualificar as discussões sobre a formação de docentes no campo de pesquisa da História da Educação Matemática. Entendemos que este campo vem despertando interesse em vários pesquisadores brasileiros, contribuindo significativamente na sua consolidação e ampliação. Atualmente, são diversos livros, revistas, dissertações e teses, grupos de pesquisas e congressos que discutem e contribuem para a História da Educação Matemática.

Várias revistas têm se dedicado e separado espaços para divulgação de pesquisas no âmbito da História da Educação Matemática, exemplo disso foi a edição do Boletim de Educação Matemática (BOLEMA) que, em 2010, dedicou o volume 35 especificamente para os trabalhos sobre a temática. Dado o volume da produção, a mesma teve de ser dividida em duas edições. Outro importante canal de divulgação para as pesquisas desenvolvidas neste campo é a Revista de História da Educação Matemática (HISTEMAT). A revista tem por público alvo pesquisadores, professores e interessados na dimensão histórica do conhecimento da educação matemática. Como exemplo de grupo de pesquisa do campo vale destacar o GHEMAT⁵ – Grupo

⁵ Maiores informações podem ser obtidas no site http://www2.unifesp.br/centros/ghemat/paginas/about_ghemat.htm

de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil – que tem alavancado uma série de pesquisas, promovido a organização de livros e atuado na promoção de eventos científicos e acadêmicos.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Neste texto apresentamos alguns descritores teóricos e metodológicos que temos nos esforçado para realizar através de um estudo histórico sobre a matemática presente na formação de normalistas no Instituto de Educação Assis Brasil. Tomamos como balizamento temporal o período entre os anos de 1947 e 1971. Consideramos que esta instituição tem algumas peculiaridades no processo de formação de professores primários no Estado do Rio Grande do Sul, notadamente na região sul do estado, que a tornam singular. Aqui destacamos o fato de ser a primeira escola normalista do município de Pelotas, o prestígio que a escola detém na comunidade pelotense e suas relações com as mudanças legislativas que a escola procurou, na medida do possível, adaptar.

Apresentamos uma incipiente discussão teórica sobre o processo histórico de constituição das escolas formadoras de professores. Na mesma medida, também destacamos nossa opção metodológica de pesquisa. Seja o uso metodológico da História Oral, através da narrativa memorialística de ex-professoras e ex-normalistas que atuaram na instituição pesquisada na temporalidade especificada, por acreditarmos ser um potente método para a produção de fontes. Tais fontes orais serão devidamente cotejadas com outras documentais que estão preservadas, ainda que em condições inadequadas, no próprio local de pesquisa.

Por fim, queremos destacar que tais possibilidades, teóricas e metodológicas, têm se apresentado como poderosas ferramentas para as análises que estamos empreendendo. Principalmente, no momento que dispusermos do conjunto de entrevistas que estão previstas. Assim, acreditamos na continuidade da pesquisa para que, futuramente, possamos apresentar dados mais específicos e confrontados com novas fontes que temos descoberto na própria instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, G. L.; AMARAL, G. L. **Instituto de Educação Assis Brasil: Entre a memória e a história 1929 - 2006**. Pelotas: Seiva, 2007.

BÚRIGO, E. Z. Apresentação do Dossiê: Saberes Matemáticos na Escola Primária do Rio Grande do Sul. **Acta Scientiae**, Canoas: v.17, ed. especial, p. 2-4, 2015.

BÚRIGO, E. Z. (*et al.*). **Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)**. Projeto de Pesquisa. CNPq. Porto Alegre, 2016. 41 f.

FRANÇA, Iara da Silva. **Formação matemática dos professores primários nos tempos da Primeira República**. Curitiba: Apris, 2016.

GARNICA, A. V. M. **A História Oral como recurso para pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro**. 2005. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/c56403_245853a2eb044ef39fd551fbab1dc78e.pdf>. Acesso em: 17 fev 2017.

MARTINS, A. M. S. Breves Reflexões sobre as primeiras Escolas Normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 35, p. 1-10, 2009.

TAMBARA, E. **Escolas formadoras de professores de séries iniciais no Rio Grande do Sul**. Notas introdutórias. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (Org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPel, 2008. p. 13-39.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1992.